

CURTA-METRAGEM

Pedra do Sol

Sangues escorrem em vidraças
Chamas refletem em facas afiadas

Toc toc

Luz
Câmera
Ação

Outro inocente morre.

que toda esquina se transforme em curva

lena

sempre que à noite há baile
o dia passa lentamente
a se rasgar em frangalhos
o dia passa a ser, também, de baile
e isso impregna a minha mente e a paranóia e a realidade
fazem minha residência me cuspir em farrapos

quando menos (des)espero, na jornada dédalea do dia, já é noite, já é quase-baile

transcorro as calçadas, perpasso os desníveis
certa nas passadas, concreta nos impossíveis
cansada do sal nas feridas, exausta dos ourives
cativo as minhas forças, balançando, nos quadris, bêncões invisíveis

e piso, enfim, na esquina
da rua em que o mundo acaba
e a vida recomeça
sem uma boca mesquinha

a ultrapasso curva
batendo agulha e rocha
batendo ombro e mecha
batendo versículo e tocha
sinto-me a besta que sai da fresta

se é dia de baile
talvez tudo acabe
mas o salto a cabe
e a saia a cabe
e sentir a cabe

no ninar da noite
escondido e perverso
lhe tocam as batidas d'outras vidas
a transpõem em moção e em verso

embolam seu andar, liberam sua postura, a fazem odiar e amar
por ora foi-se a tortura, levada pela foice do ar
e ficou praga e cura
seu posar é respirar

ela desliza compasso, desenha outras terras
a cada ilusão, a cada passo
abre novas fendas, novos mares e novas peles em seu traço
pare com o olhar as suas feras e devora do mundo cada pedaço

pivoteia maluca, faminta de expressão
como nunca, como nunca
ontem a delegaram loucura, desviada da missão
mas rodopia rosa fulcra, já não mais eunuca
bela, botão, maluca, rasgando-se em oração:

que toda esquina se transforme em curva

eles declararam a morte
mas seu coração ainda bate forte
eles declamaram minha morte
mas o som do baile ainda estoura forte

hoje a noite é de baile
e é bom que tudo acabe
pois é quando tudo a cabe
até que o dia acabe

Chuva de flores

Mirrored mind

As flores desabrochavam em solo infantil.
Nuvens de fumaça incensavam os olhos, o gosto, o rio.
Interlúdios de asco ecoavam na faixa murada.
A cria derretia em rios escarlates, desaguava em gotas salgadas:
a natureza-morta estampada.

Cactos,
árvores de oliveira,
raposas, coelhos, corujas.
Bichos e gente, flores e espinhos
numa faixa murada, sem água, sem nada, sem rio.
Estrelas esmeraldas ainda dançavam
sob os restos das casas.

Uma voz rouca gritava: “Nestes dias de flores, não quero acordar!
Careço de perfumes que cheiram a mar!”
Contudo, o odor dos corpos confluía com o ar.
Era o matadouro na terra, mortífero limiar.
Ondas subversivas tentavam, em meio ao caos,
entoar notas: marulhos, mares, maresias.
Assobiavam canções descontentes; era o clamor da flora
que soava alto nas entrelinhas da poesia que tentava ser poema.

Toques ácidos infiltravam as narinas.
Um vírus estrangeiro tomava conta das vias.
As aves comiam a carne e deixavam os ossos.
Nuvens de algodão bailavam no céu durante dia e noite.

Constelações manavam em meio às memórias da promessa
A terra prometida.

Jadd. Se foi a queda de uma estrela.
Gotas metalizadas perfurando superfícies pulsantes.

Pare. Pare. Pare.

Baba não está mais vivo.
A casa não é mais casa.
Não há teto.

Só restam flores.

Raízes marcam os olhos, desenham dor na face.
Cólica, erosão da pele, carne comida de bicho.
Zumbido de mosquito em eterno loop, em todos os sentidos.
A faixa que era casa agora é rosa radioativa.
É mar de mortos.

Baba,
eu porejo teu lampejo de vida. Dizem que gente não brilha,
mas você brilhou por dois segundos, quando o céu lacrimejou prata.
Cérebros foram plantados.
Outubro tornou-se hiato.
Queria falar de poesia, contudo da minha boca só verbalizo águas:
dilúvio dos olhos,
dormência das têmporas.
O doce narrarei depois.

Até lá.

A Educação pelo Possível

Professus

Diante do que o Real tem sido
exercitar o músculo humano sensível
de instaurar no Mundo
a possibilidade:

Da Imaginação:
Órgão de fecundar a humana visão
de futuro desorizontada
com alguma perspectiva-ação,

Da Ficção:
Entre-lugar onde
o fato e o especulado dão-se
— de si para si
com as mãos,

Da Utopia:
À beira do abismo dançarinos
ensaiando novas
— conquanto críveis
cartografias:

Da Esperança.

Finalmente, algo interessante no trabalho

James Anno

Entre cubos, carimbos, e cronogramas,
o ofício de alguém num escritório conseguiu lhe expressar algo diferente de suas regras:
sem a mesma forma delimitada,
sem a possibilidade de ser antecipado,
sem ignorar o quanto a pessoa se atrairia pelo que aconteceu.

Outro alguém lhe convocou para resolver um problema de testamento,
em condições jovens, nervosas, sutilmente urgentes,
e se Aristóteles compreendesse uma forma criativa do que esse outro alguém expressou
ele ouviria e apreciaria o seguinte:

“O direito aos sonhos me é a principal garantia de uma herança,
na medida que eles afetam a visão humana se delimitando em quatro lados,
por mais específicos que sejam seus estímulos,
conforme o percurso d'água se desdobra.

No sonho dos meus pais,
cabia uma sala comunal vasta de pagantes,
sedentos,
abundantes,
organizados,
homogêneos por presunção.

No meu,
a ideia de companhia é tão vaga e efêmera e delirante quanto a que uma ninfa
[metamorfa poderia fazer para alguém,
caso ela ainda esteja por acontecer em solidez,
e a tela é um detalhe num quarto entulhado de miudezas onde eu focalizo a vida como no
[centro de um panóptico,
se é que estou agindo de maneira justa em algum sentido.

A tela anterior à minha exibe um filme aprazível
— até quando faz ranger os dentes —
onde o caráter é nobre quando ele sustenta o barco,

na festa,
na crise,
na memória,
na historicidade inofensiva que toda essa produção e esses termos permitem.

A minha tela,
na medida que ela propõe alguma diferença em relação à outra,
indica um futuro quase sem barco nem festa nem memória nem nada que preste
porque nada também parece mais evidente quanto o mundo ser feito de vidro rachado,
e eu te juro com todos os meus ossos trêmulos que isso é dito com o foco do Medo e não
[de melindre,
com a luz do Isolamento e não de desencontro.

Eis o fundamento do desassossego crônico da minha alma.”

Disse o outro alguém na ânsia de simplesmente extravasar,
e enquanto o alguém do escritório prestava atenção numa melodia invocada pela
[situação
que dizia respeito ao caminho-partitura que conecta as pessoas-tonos,
no gosto bom que a Permanência e o Prazer trazem.

A ajuda verbal que a pessoa no escritório deu considerou essa verdadeira liturgia.
Ela ajudou a pessoa criativa de imediato com pelo menos um sorriso,
que conseguiu fazê-la agradecer e sair do escritório com,
pelo menos da maneira mais óbvia possível,
novas energias para sonhar.